

## PROVÉRBIOS RACISTAS: CIRCULAÇÃO DE FÓRMULAS E ESTEREÓTIPOS EM GÊNEROS MIDIÁTICOS

Paulo Rogério de OLIVEIRA (PPG-UFMT)<sup>1</sup>

Roberto Leiser BARONAS (UFSCar/UFMT)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, procuramos analisar, através de duas pequenas amostras, como os provérbios racistas são particitados/reenunciados em outros gêneros discursivos, propiciando a circulação e cristalização de fórmulas e estereótipos em relação à imagem do negro, numa sociedade que se apresenta como *multiculturalista* e *multiétnica*. Para isso, apoiamos-nos no arcabouço teórico e metodológico da Análise de Discurso de orientação francesa, mobilizando principalmente os conceitos de aforização e hiperenunicação propostos por Dominique Maingueneau (2006 e 2011) e de Paráfrase e Polissemia na proposição de E. Orlandi (2001).

**Palavras-chave:** Provérbios racistas. Aforização. Preconceito de cor. Estereótipos.

### 1. Primeiras palavras

Considerar os enunciados numa perspectiva discursiva é, sem dúvida alguma, ir além da transparência e evidência do(s) sentido(s) já lá; é considerar as estruturas morfossintáticas que compõem sua materialidade e também levar em consideração sua exterioridade, pois materialidade linguística e exterioridade são constitutivas dos sentidos, conforme nos esclarece Brandão (2012, p.19), ao dizer que “[...] o discurso ultrapassa o nível puramente gramatical, linguístico. O nível discursivo apoia-se sobre a gramática da língua (o fonema, a palavra, a frase) e sobre os aspectos extralinguísticos que condicionam a sua produção”.

Desse modo, pretendemos, neste artigo, refletir um pouco sobre como se dá o funcionamento discursivo dos provérbios sobre o negro, não limitando nossas análises somente às estruturas linguísticas que os compõem, mas considerando também sua emergência nas mais variadas instâncias enunciativas e o modo como se materializam nos mais diversos gêneros discursivos, sedimentando preconceitos e depreciando sua imagem, mesmo em tempos de lutas pela chamada e almejada igualdade racial.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos de Linguagem, na Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Cuiabá, MT-Brasil, na área de Estudos Linguísticos- Linha de Pesquisa: Práticas Textuais e Discursivas, Múltiplas Abordagens, sob a Orientação do Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas. E-mail: [Profletras@bol.com.br](mailto:Profletras@bol.com.br).

<sup>2</sup> Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – São Paulo, SP- Brasil, Campus de Araraquara- e Professor no Departamento de Letras, no Mestrado e no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR e de Dissertação no Mestrado em Estudos de Linguagem - MeEL - da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Cuiabá, MT. E-mail: [baronas@ufsc.br](mailto:baronas@ufsc.br).

Vivemos em um país onde o preconceito relacionado ao negro é bastante evidente, embora se afirme o contrário. A título de exemplo, podemos citar os frequentes programas da mídia televisiva que o expõe ao ridículo das mais variadas formas possíveis, explícita ou implicitamente. Assim, um paradoxo se instala: a própria mídia que se diz propagadora de ideias, opiniões, que combatem ao preconceito racial<sup>3</sup> é a mesma que difunde tais preconceitos.

É importante lembrar que durante os séculos de escravidão, o negro não era visto como um sujeito social, como cidadão, como pessoa humana. Era tratado como coisa, como “peça”, como propriedade, como máquina, uma espécie de robô-humano, um a-sujeito sem direitos, só com deveres. Com relação aos estudos sobre o racismo no Brasil, Schwarcs (2001, p.39) esclarece que:

[...] os recém-chegados se transformavam em *boçais* (aquele que não conhece a língua). Entendido como propriedade, uma *peça* ou *coisa*, o escravo perdia sua origem e sua personalidade *Servus non habent personam*: “o escravo não tem pessoa”, é um sujeito sem corpo, sem antepassados, nomes ou bem próprios.

Sem dúvida alguma, o preconceito racial existente no Brasil tem sua origem no período Colonial, uma vez que os negros, retirados de várias partes da África e trazidos para cá, se tornavam escravos dos Senhores de Terras. A escravidão durou quase cinco séculos, tempo bastante para o preconceito contra o negro se capilarizar no corpo social do país, a ponto de tornar-se “natural”. É importante enfatizar que, ao serem destituídos de suas terras e arrancados de seu território de origem, começaram a passar por maus tratos, desde o traslado marítimo, lutando pela sobrevivência dentro dos navios em condições sub-humanas. Os que chegavam com vida, já esperavam por tratamentos ainda mais impiedosos.

## 2. Considerações teóricas

Conforme já dito anteriormente, não é nosso objetivo fazer uma exposição teórica e nem uma análise exaustiva, do que foi proposto; o nosso intuito é apenas mostrar o que pretendemos desenvolver ao longo de nossa dissertação de mestrado.

Desse modo, para dar conta da proposta apresentada, inscrevemo-nos na corrente teórica e metodológica da Análise de Discurso de orientação francesa, mobilizando os conceitos de *paráfrase* e *polissemia*, segundo Eni Orlandi (2001), e de *aforização* e *hiperenunciação*, propostos por Dominique Maingueneau (2006 e 2011). Procuramos

---

<sup>3</sup> O termo “preconceito racial” será usado ao longo deste trabalho, referindo-se especificamente às pessoas negras (usado como sinônimo de Preconceito de cor).

compreender como os provérbios racistas ainda circulam nas diversas instâncias de comunicação, mediante retomadas de enunciados parafraseados e aforizados, possibilitando, assim, a cristalização de fórmulas e estereótipos sobre o negro.

Conforme E. Orlandi (2010), os enunciados produzidos por sujeitos histórico-sociais fazem parte de processos discursivos, são carregados de memórias, evocam sentidos os mais variados possíveis. Assim, estão sempre propensos a serem outros, a deslizarem para várias regiões do interdiscurso. Os enunciados, na realidade, fazem parte de uma rede de discursividades sem início absoluto e nem fim pleno.

Desse modo, os enunciados que circulam na sociedade sempre podem ser alcançados por gestos de interpretações esboçados por sujeitos. Esses gestos podem ser parafrásticos ou polissêmicos. De acordo com E. Orlandi (2001, p.43), a paráfrase “é o reconhecimento (reprodução) do sentido dado pelo autor e a polissêmica se define pela atribuição de múltiplos sentidos dados ao texto [enunciado]”. Assim, os enunciados estão em constantes deslocamentos de “sentidos-mesmos” e “sentidos-outros”, sempre nessa relação tênue.

Para Maingueneau (2011), toda a enunciação se faz segundo dois tipos de procedimentos enunciativos, a saber: a enunciação aforizante e a enunciação textualizante, ambas com suas características e funcionamentos discursivos próprios, conforme nos ilustra o esquema vetorial a seguir:

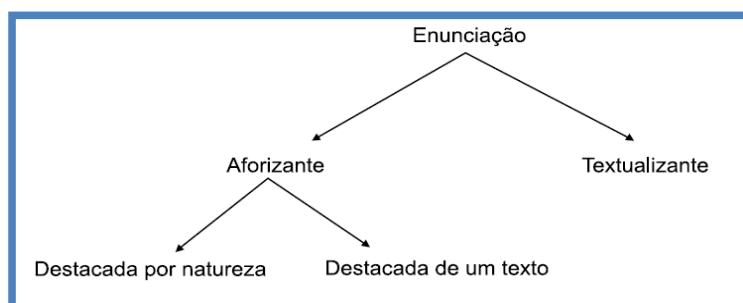


Figura1. Enunciações aforizante e textualizante. (adaptação de Maingueneau, 2011, p.42)

A enunciação textualizante se refere ao conjunto de gêneros discursivos existentes sejam eles orais, escritos, imagéticos, e produzidos por sujeito(s), com intenções específicas e em situações reais de interação, tais como o artigo de opinião, o editorial, a conversa telefônica, a consulta com o médico, dentre outros. Já a enunciação aforizante se divide em dois tipos: a *destacada por natureza* e a *destacada de um texto*. A *destacada por natureza* inclui os provérbios, as máximas heroicas, os *slogans*, as divisas, etc. para os quais não podemos precisar qual é a fonte enunciativa, qual foi o primeiro locutor que as proferiu. Já a

*destacada de um texto* é aquela que o enunciador recorta de um determinado texto, cuja fonte conhecemos (pode ser o livro de um autor x ou a frase proferida por um autor y em algum gênero discursivo).

Ambas se distinguem da enunciação textualizante, pois não seguem o “padrão” habitual de uma interação locutor x interlocutor num mesmo plano enunciativo, pois se tratam de enunciados “destacados”, isto é, são sequências discursivas destituídas de seu “corpo textual” de origem, conforme nos esclarece Maingueneau (2007), citado por Miquelletti (2011): as aforizações são “enunciados curtos, na forma oral ou escrita, representadas, em geral, por uma única frase, que são retiradas de seu co(n)texto original”. Vale ressaltar que, ao serem destacadas, seu tom significativo pode ser alterado ou não.

Maingueneau (2010) diz, mesmo que isso soe contraditório num primeiro momento, que a aforização é uma espécie de “texto fora do texto”, um transtexto, pois ela aparece no texto como um enunciado “isolado”. É como se fosse um fio que saísse da tessitura textual e adquirisse significado autônomo, ultrapassando até a lógica dos gêneros discursivos, pois entra em outro plano enunciativo que não obedece à coerência interna dos gêneros, a saber: *tema, forma composicional e estilo*.

Nos enunciados aforizados, percebemos um teor polifônico em sua base significante, é como se o locutor intercalasse “sua fala” com a de um Locutor soberano (hiperenunciador) na mesma sequência enunciativa, pois se dirige a um interlocutor universal (conjunto de indivíduos) que valida, legitima este dizer como verdade absoluta, acima de “qualquer” suspeita, sem direito a réplica, pois “o hiperenunciador é [...] uma instância que, de um lado, garante a unidade e a validade de múltiplos enunciados de um *Thesaurus*, de outro, confirma o pertencimento dos parceiros da enunciação à comunidade correspondente” (MAINGUENEAU, 2011, p.45).

Isto significa que quando o locutor traz para a cena enunciativa determinada verdade desse *Thesaurus* (“sabedoria das nações”, “sabedoria popular” reconhecida como um conhecimento já partilhado e que dispensa comentários contrários), ele automaticamente assume que o interlocutor irá concordar com a verdade enunciada, numa espécie de “lógica discursiva”: se EU enuncio uma VERDADE (reconhecida e **in**questionável) a um determinado ALOCUTÁRIO, deixo-o sem direito a questionamentos, pois quem é ELE para questionar algo reconhecido e aceito universalmente por determinados grupos sociais? Logo, ELE deve concordar com (minha) verdade enunciada.

### 3. Percurso metodológico e uma primeira aproximação analítica do corpus

Para o trabalho que aqui apresentamos, o corpus é constituído de um conjunto de provérbios que tematizam o negro e também de dois gêneros discursivos midiáticos. Buscaremos compreender como os seguintes provérbios são reenunciados nesses gêneros de modo aforizado e de modo parafraseado:

- ✚ Negro parado é suspeito, correndo é ladrão, voando é urubu.
- ✚ Negro só tem de gente os olhos.
- ✚ Negro só tem de gente os dentes.
- ✚ Negro em pé é um toco, e dormindo é um porco.
- ✚ Negro deitado é um porco, e de pé é um toco.
- ✚ Negro só parece com gente quando fala escondido<sup>4</sup>.

#### Texto 1

#### Político de Santo André é preso por crime de racismo contra GCM

Elaine Granconato  
Do Diário do Grande ABC

O vice-presidente do PSDC de Santo André, Adriano Giovanni Pieroni, 47 anos, está preso na cadeia pública de São Caetano desde a madrugada de terça-feira. O político foi indiciado por crimes de injúria racial e desacato, após acusação de ter chamado o guarda-civil municipal Jucélio Marciano da Silva, 38 anos, de "preto e macaco". Na delegacia, Pieroni negou o crime.

O incidente ocorreu em frente ao velório municipal, pertencente ao Hospital São Caetano, na região central da cidade. Ali, além de Jucélio, outros dois guardas-civis faziam o patrulhamento do local - três pessoas estavam sendo veladas e o movimento era intenso. Entre elas, Eduardo Augusto de Rezende, 47, de São Caetano, primo de Pieroni, morto com vários tiros no rosto - o assassinato está sendo investigado pelo 95º Distrito Policial de São Paulo, localizado no bairro Heliópolis.

Ao retornar da padaria e ter se deparado com os guardas, Pieroni teria se revoltado. "Vocês ficam aqui na frente do velório fazendo nada. Vão prender ladrão, seus m...", teria dito o político, conforme declaração registrada no boletim de ocorrência.

Na sequência, teria agredido verbalmente a vítima por ser negra. "Além de palavras de baixo calão, ele disse que **'preto não é gente'** e me perguntou se eu **'queria banana'**. Sem truculência, dei voz de prisão e fomos para o 1º Distrito Policial da cidade", contou Jucélio, há dez anos na corporação e pai de três filhos.

No depoimento prestado na delegacia, o político de Santo André admitiu ter bebido duas doses de vodka e uma cerveja, e comido um sanduíche, em padaria próxima ao velório, antes de passar pela viatura estacionada da GCM e iniciar a discussão. O indiciado, segundo o boletim de ocorrência, estaria embriagado, com fala desconexa e andar cambaleante - Pieroni

<sup>4</sup> Retirado dos anexos de: PEREZ, Joubert Castro. Permanência e (re)atualização do discurso racista em provérbios e piadas. 2000. 193f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade Estadual de Campinas, 2000.

fez exames de sangue para medir o teor de álcool e de corpo de delito para averiguar se havia marca de agressão, conforme alegou ter sofrido.

O titular do 1º Distrito Policial de São Caetano, Francisco José Alves Cardoso, disse que a conduta do indiciado foi típica de quem comete esse tipo de crime. "A postura dele, ainda, foi bastante aviltante. Uma espécie de exploração de prestígio, ao afirmar que era 'deputado federal e 'ex-policial da Rota', o que não se confirmou", disse.

Se condenado pelos dois crimes, o dirigente partidário poderá pegar até cinco anos de prisão - neste caso, não é afiançável. O TJ (Tribunal de Justiça) não conseguiu confirmar se pedido de liberdade provisória foi protocolada no Fórum de São Caetano. A Secretaria de Segurança Pública do Estado não respondeu ontem se o político pertenceu à Rota nem o motivo do assassinato do primo. (grifos nosso) <sup>5</sup>

Parece-nos claro que o locutor (Pieron) põe em cena na sua fala uma aforização proverbial, **preto não é gente**, mesmo que ele não deixe claro para o interlocutor que se trata de um provérbio *captado*. Segundo Maingueneau (2010), a *captação* ocorre quando há convergência semântica com o texto "fonte" (Negro só tem de gente os olhos, Negro só parece com gente quando fala escondido). Agindo dessa forma, o locutor, de modo persuasivo, põe o interlocutor, também, como alguém que conhece o *Thesaurus* de provérbios racistas sobre o negro que circulam em nossa sociedade. Esclarece-nos Maingueneau (2011, p.45) que "ao enunciar um provérbio sem nenhuma marca que o identifique como tal, o locutor põe o leitor na posição de um membro da comunidade que partilha um mesmo *Thesaurus*".

Partindo deste ponto, quando o locutor particita uma aforização proverbial, uma certa autoridade inquestionável é instalada no momento da enunciação, como uma espécie de verdade imutável e cristalizada, pois, consoante Maingueneau (2011, p.45), "a autoridade máxima da particitação se deve precisamente a não ser necessário nomear sua autoridade".

Vale lembrar que entendemos os provérbios como enunciados orais que estão sempre "vivos" independente de épocas, são imemoriais sem fonte precisa, mas que cristalizam verdades generalizantes incontestáveis sobre determinado grupo social, e quando o locutor os aforiza é como se ele "abandona[sse] voluntariamente sua voz, tomando outra de empréstimo a fim de proferir um segmento de fala que não lhe pertence propriamente e que ele está unicamente citando" (GREIMAS, 1975, p. 288).

---

<sup>5</sup> Publicado em quinta-feira, 5 de abril de 2012 às 07:00  
Disponível em: (<http://www.dgabc.com.br/Noticia/28586/politico-de-santo-andre-e-presos-por-crime-de-racismo-contra-gcm>).

## Texto 2



Fonte: <http://crjvitoria.blogspot.com.br/2011/08/charge-espelho-espelho-meu-nao-e-conto.html>

Esta charge se tece intertextualmente, aludindo ao conto de fadas da tradição oral alemã “Branca de Neve”, compilado pelos Irmãos Grimm, no século XIX. Por meio de um processo paródico, o chargista decalca o enunciado original da madrasta do conto “Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?”, produzindo um enunciado em paralelo, simplesmente pela substituição de *bela* por *invisível*: “Espelho, espelho meu, existe alguém mais invisível do que eu?”. Em vez da *beleza* que é algo que aparece, resplandece, tem-se a *invisibilidade* do negro. Percebemos claramente a presença de uma paráfrase proverbial, isto é, há uma convergência semântica com o provérbio visto anteriormente: “Negro só parece com gente quando fala escondido”. Se nos detivermos em toda a análise deste texto imagético, perceberemos que ele traz em sua base interdiscursiva mais de um provérbio racista. Pela roupa e porte do personagem, parece-nos possível perceber uma ressonância de outro provérbio: “Todo negro é marginal, até que prove ao contrário”. Verifica-se que há aqui também uma voz de autoridade sentencial, tal qual os provérbios carregam. Dessa forma, pela simples repetição dos provérbios ou pela sua reenunciação em textos de outros gêneros discursivos, cristaliza-se e se faz circular uma visão bastante preconceituosa e pejorativa do negro, ora caricaturada, ora animalizada, ora coisificado, ora despersonalizado.

#### 4. Considerações Finais

As discussões realizadas neste trabalho foram breves, mas suficientes para mostrar que os provérbios racistas continuam circulando socialmente, entoados por diferentes sujeitos, propagando mitos, sedimentando e cristalizando imagens preconceituosas, estereotipadas e depreciativas do negro.

Para isso, não tomamos os gêneros discursivos, aqui analisados, partindo somente da materialidade significativa, numa espécie de relação ingênua com os mesmos. Foi preciso ir

além das estruturas sintáticas, da materialidade linguística, para desenredar os sentidos para além das evidências.

Como dissemos anteriormente, a análise partiu da perspectiva de que os textos, independentemente de sua materialidade significante, devem ser analisados levando-se em conta também a exterioridade. Além disso, foi necessário considerar que a historicidade e a ideologia são constitutivas de toda produção de linguagem.

Desse modo, concordamos com E. Orlandi (2010, p.19), ao dizer que “Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo, procura-se compreender a língua não só como uma estrutura mas sobretudo como acontecimento”.

Assim, esperamos que o presente estudo possa contribuir para que brechas, fissuras sejam cavadas no fio desse(s) discurso(s), possibilitando, assim, a irrupção de questionamentos críticos e a mudança de olhares e posturas sobre a negritude, dentro dessa sociedade que cinicamente se apresenta como *multiculturalista* e *multiétnica*.

## 5. Referências Bibliográficas

- BARONAS, R. L. e COX, M.I. P. A circulação de enunciados destacados na mídia e a produção pletórica de enunciados. In: *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 15/3 (esp), p. 13-38, dez. 2012; 19.
- \_\_\_\_\_, Aforização: Enunciados sem texto? In: *Doze conceitos em análise de discurso*. Organização: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p.9 - 24.
- \_\_\_\_\_, Polifonia: polifonia, provérbios e desvio. In: *Doze conceitos em análise de discurso*. Organização: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p.171-186.
- GATTI, Marcio Antônio. *Humor em provérbios alterados*. 2007. 158p. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- GREIMAS, Algirdas Julien, Os Provérbios e os Ditados. In: *Sobre o Sentido: ensaios semióticos*; Petrópolis: Vozes, 1975.p. 288-295.
- MAINGUENEAU, Dominique. A aforização proverbial e o feminino. In: MOTTA, Ana Raquel Machado; SALGADO, Luciana. (Org.). In: *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.p.41- 58.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de Hoje*. (Coleção para entender) São Paulo: Global, 2006.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. 6ª ed. Campinas: Cortez, 2001.